

Galego e Português Brasileiro

história, variação e mudança

The background of the cover is a close-up photograph of weathered wooden planks. The surface is covered in a thick layer of bright blue paint that is heavily cracked and peeling away, revealing the natural brown wood underneath. The texture is rough and uneven, with many small holes and deep crevices.

LaborHistórico

Volume 3 - Número 2 - jul./dez. 2017

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Sumário

Apresentação	10
---------------------	----

Xoán Carlos Lagares
Leonardo Lennertz Marcotulio

Dossiê Temático

Norma e autoridade linguística no galego e no português brasileiro	12
---	----

Henrique Monteagudo
Xoán Carlos Lagares

Language Policies and Linguistic Culture in Galicia	28
--	----

Anik Nandi

Considerações sobre os conceitos de língua e variedade: uma discussão com base no galego	46
---	----

Melina Souza

Dêixis de lugar e esquemas imagéticos em amostras de fala do português brasileiro e do galego contemporâneos	58
---	----

Maria Jussara Abraçado de Almeida
Rachel Maria Campos Menezes de Moraes

As construções de foco no galego é o que eu estou tentando entender	71
--	----

André Felipe Cunha Vieira

Convergência do léxico por contato entre o português brasileiro e o galego modernos	97
--	----

Valéria Gil Condé

Varia

Por que reeditar (e reler) "O tratamento você em português: uma abordagem histórica" 108

Christiane Maria Nunes de Souza

Clássicos

O tratamento "você" em português: uma abordagem histórica 114

Carlos Alberto Faraco

It is focus constructions in Galician that I am trying to understand

Recebido em 07 de junho de 2017. | Aprovado em 19 de agosto de 2017.

DOI: <http://dx.doi.org/10.24206/lh.v3i2.17129>

André Felipe Cunha Vieira¹

Resumo: Este artigo apresenta o tema, análises prévias e resultados parciais de uma pesquisa doutoral sobre o desenvolvimento diacrônico das construções: Pseudo-Clivada Invertida, Ser Que, Pseudo-Clivada Extraposta e Clivada Canônica no galego, entre os séculos XIII e XX. Tratarei aqui dos dados e análises parciais de apenas duas construções: Pseudo-Clivada Invertida e Ser Que, atestadas no século XIII, XIV e XV, uma vez que a pesquisa não está concluída. O trabalho, desenvolvido em parte no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ, Brasil, e no Instituto da Lingua Galega da USC, Espanha, é desenvolvido sob o modelo de Construcionalização e Mudança Construcional em uma perspectiva teórica da Gramática de Construções Baseada no Uso. Intenciono desenvolver um quadro histórico que analise as possíveis heranças genéticas entre essas construções, e auxiliar também no estudo histórico do tema em português.

Palavras-chave: construções clivadas; construções de foco; construção Ser Que; galego; gramática de construções baseada no uso; construcionalização e mudança construcional.

Abstract: This article presents the subject, previous analysis and partial results of a doctoral research on the diachronic development of the following constructions: Inverted Pseudo-Cleft, Ser Que, Extraposed Pseudo-Cleft and Canonical Cleft in Galician between the 13th and 20th centuries. I will deal here with the partial data and partial analysis of only two constructions: Inverted Pseudo-Cleft and Ser Que, attested in the 13th, 14th and 15th centuries, since the research is not completed yet. The work, developed partially at the Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ, Brazil, and at the Instituto da Lingua Galega da USC, Spain, is developed under the Constructionalization and Constructional Change, one of the many models of the Usage Based Construction Grammar theory. I intend to develop a historical framework that analyzes the possible genetic inheritances between these constructions, and to help the historical study of the theme also in Portuguese.

Keywords: cleft constructions; focus construction; Ser Que construction; Galician; usage-based construction grammar; constructionalization and constructional change.

¹ Graduado em Letras com habilitação em Português-Hebraico pela UFRJ/CNPq, tendo sido membro do PEUL como bolsista de iniciação científica. É também mestre em Linguística pela UFRJ/CNPq e doutorando do programa de Pós-graduação em Linguística pela UFRJ/CAPES com período sanduíche de um ano como pesquisador convidado do Instituto da Lingua Galega da Universidade de Santiago de Compostela, onde desenvolveu a maior parte de sua pesquisa doutoral. ariel.narhman@gmail.com.

Abreviações

(gal.)	galego
(id.)	ídich
Ps.Cl.In.	pseudo-clivada invertida
Ctzç	construcionalização
MC	mudança construcional
d.e.c	depois da era comum (d.C)
GC	Gramática de Construções

Observação: Os números ao lado da referência ao *corpus* que apresento após cada exemplo são para meu controle dentro da pesquisa e facilitam a recuperação dos dados ligados a cada um deles.

Introdução

O título deste artigo, além de brincar com a estrutura que é foco deste trabalho (*no pun intended*), revela uma das mais profundas inquietações que permeiam minhas noites e dias como pesquisador. Como um pesquisador brasileiro pode entender as motivações e os caminhos do processamento mental-linguístico de um galego do século XIII? Ainda que esta seja uma pergunta muito comprometedora, é exatamente isso e talvez um pouco mais o que pretendo na tese de doutorado que estou desenvolvendo no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ em parceria com o Instituto da Língua Galega da Universidade de Santiago de Compostela, Espanha. Apresento aqui os meandros da pesquisa e algumas conclusões preliminares. Investigo quatro construções que figuram entre as estratégias de foco da língua galega: Pseudo-Clivada Invertida, Pseudo-Clivada Extraposta, Clivada Canônica e Ser Que. Devo alertar, no entanto, que tomo essa nomenclatura de empréstimo dos trabalhos com o português, e que não refletem necessariamente o posicionamento de outros pesquisadores que trabalham com o galego. Isso se deve, principalmente, à inexistência de trabalhos publicados sobre clivagem em galego.

É redundante falar da importância desta investigação quando acabo de afirmar não existirem trabalhos prévios sobre o tema, mas, por questões de estilística estrutural, reafirmo esse motivo e acrescento talvez uma das questões mais ignoradas da linguística sobre a Península Ibérica: um estudo diacrônico amplo sobre clivadas no galego é crucial para o entendimento das construções de foco nessa língua e também porque ilumina áreas nebulosas dos estudos do tema em português. O trabalho sobre clivadas no português, de fato, conta com importantes expoentes, tais como Kato (2007), mas ainda é incipiente, sobretudo em relação às análises fundamentadas na Gramática de Construções e Modelos Baseados no Uso. Frente à natureza plural das construções clivadas no português e mais ainda das construções de foco, muitas questões são suscitadas quando pensamos nas teorias da mudança (principalmente a Teoria da Gramaticalização e Teoria da Construcionalização). Seriam as construções clivadas um desenvolvimento de uma estrutura sintática de foco anterior? Seriam a especialização de uma construção primariamente não focal? Essas construções surgiram quando? São fruto do desenvolvimento do português, ou já estavam presentes no romance galego?

Essas perguntas encontraram guarida nos esforços de um grupo de pesquisa sediado e desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil em cooperação internacional com o Instituto da Língua Galega, da Universidade de Santiago de Compostela, Galícia, Espanha. O projeto intitulado *Galego e Português Brasileiro: História, Variação e Mudança*, foi financiado pela CAPES (Brasil) e Dirección General de Política Universitaria, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte (Espanha), e coordenado pelo Prof. Dr. Xoán Carlos Lagares (Brasil) e Prof. Dr. Xosé Henrique Monteagudo (Espanha). Esta pesquisa foi financiada por uma bolsa sanduíche do programa CAPES/DGPU, pelo período de setembro de 2015 até agosto de 2016, e por uma bolsa de doutoramento CAPES, com início em Março de 2014 e término programado para Fevereiro de 2018.

No princípio da pesquisa, eu pretendia estudar as construções clivadas em galego, português europeu e português brasileiro, com o fim de analisar as possíveis congruências e incongruências do fenômeno “clivagem”² interlinguisticamente. Porém, com o transcorrer da pesquisa, e ao tomar contato com a falta de trabalhos descritivos e analíticos sobre o galego que dessem conta dessas construções, decidimos (meus orientadores e eu) que a atitude mais produtiva seria focar a descrição e análise no galego. Dessa maneira, poderíamos contribuir para futuros trabalhos que analisarão essas questões do ponto de vista da comparação interlinguística.

Se a linguística se pretende no rol dos estudos científicos, lugar que por direito ocupa, devemos entender que nela não há espaço para “opiniões”, apenas para fatos analisados sob a ótica severa de determinada teoria que descreva um modelo que possa ser repetidamente testado segundo o método científico. Este é o motivo pelo qual não me sinto sensibilizado se ofendo o orgulho de algum gramático português do século XIX que por motivos puramente políticos cria e defende a falácia de que o português e o galego possuem um ancestral comum. Ao

² Utilizo o termo entre aspas porque essa nomenclatura não abarca todas as construções aqui analisadas. Clivagem é costumeiramente utilizado de forma genérica para fazer referência a um conjunto de construções, nas quais estão inseridas as clivadas propriamente ditas.

contrário, parto do fato histórico, que defendo a seguir, de que o galego³ é a língua ancestral do português e que motivos políticos criaram a falsa percepção de que haveria uma língua anterior denominada galego-português.

Apesar dos esforços incansáveis das universidades galegas (Universidade de Vigo, Universidade da Coruña e Universidade de Santiago de Compostela), o galego é ainda uma língua subinvestigada nos estudos linguísticos mundiais. Não é difícil entender os motivos, ainda que seja custoso aceitar. O galego é uma língua minoritária, tanto dentro do Reino Espanhol quanto no tocante à família das línguas românicas. A verdade é que faltam pesquisadores envolvidos nessa empreitada para que seja humanamente possível dar conta do trabalho de coletar, descrever e analisar uma língua histórica. O reduzido território galego (29.574,4 km²) possui cerca de 2.732.347 habitantes. Faz sentido que falte mão de obra para a tarefa de investigação linguística⁴. No Brasil, destaca-se o trabalho do Prof. Dr. Xoán Lagares na Universidade Federal Fluminense, chefe do grupo de pesquisa anteriormente citado.

Além desses problemas acima mencionados, vale notar que a língua galega é um tema controverso por si só. Retorno a esse assunto no item 1.

Os objetivos dessa pesquisa doutoral são:

- 1° Mapear as construções Clivada Canônica, Ser Que, Pseudo-clivada Invertida e Pseudo-clivada Extraposta no galego desde o século XIII até o século XX.
- 2° Identificar os tipos semânticos de foco encontrados em cada uma das construções.
- 3° Identificar se há correlação entre tipos de constituintes sintagmáticos e tipos de construções de foco.
- 4° Identificar se há correlação entre *status* informacional do referente focalizado e o tipo de construção de foco.
- 5° Analisar possíveis casos de construcionalização e mudança construcional que possam ter ocorrido nestas construções ao longo do período acima indicado.

Este artigo apresentará alguns fatos históricos muito relevantes aos estudos do galego (item 1), fará uma caracterização do fenômeno analisado (item 2), apresentará algumas análises preliminares (item 3) e apontará percursos futuros (Conclusão).

1. A falácia Galego-Português

A língua galega nasceu na Península Ibérica na província romana nomeada *Gallæcia* (Português: Galécia; Galego: Gallaecia), por volta do século VIII d.e.c. em consequência do desenvolvimento do latim vulgar falado na região, que compreende o que hoje é a Comunidade Autônoma da Galécia e grande parte do norte de Portugal. Foi apenas em 1096 que o rei Afonso VI divide o reino⁵ entre suas filhas: Urraca de León (*totius Gallecia imperatrix*) herdou o Condado da Galiza (Galiza do Norte), ao norte do rio Minho; Teresa de León herdou o Condado Portucalense (Galiza do Sul), ao sul do rio Minho. Teresa foi mãe de Afonso Enríquez que se proclamou rei de Portugal em 1139, vindo a ser conhecido como Afonso I, o Grande. Dom Afonso declarou o Condado Portucalense, que, juntamente com o Condado de Galiza, formava o Reino da Galiza, como um reino independente. O Condado Portucalense existiu entre 868 e 1139, quando se tornou o Reino de Portugal⁶. Entenda-se então que o termo Galiza se refere ao reino histórico e sua posterior divisão em condados; o termo Galécia refere-se ao território atual e sua organização política dentro do Reino de Espanha.

Contudo, a maioria dos trabalhos que tratam da língua anterior à divisão dos condados da Galiza e Portucalense, usa o termo galego-português. García Turnes (2002) afirma que, no século XIX, começam a surgir os termos: português galiciano, português galleziano, galiziano-português, gallezio-luzitano e gallecio-português. E que, apenas no século XX, a autora Michaëlis Cunha o termo galego-português. Neste artigo e na tese que o motivou, utilizarei o termo **galego português**⁷ para referir-me à **variedade da língua galega utilizada no**

³ Discutirei no decorrer do artigo o que pretendo com essa asseveração. Que fique claro que estou falando da língua galega de modo geral e não do momento atual do galego que, por motivos de coerência temporal, não poderia ter dado origem ao português.

⁴ Não levo em conta as investigações fora do território galego por ser de difícil contabilização.

⁵ Então Reino de Galiza e León.

⁶ Bagno (2012, p. 219-221) traz uma excelente sinopse deste período histórico.

⁷ Galego-Português (substantivo composto) ≠ Galego Português (substantivo + adjetivo).

território do Reino Português. Dizer que o galego-português foi uma língua falada na Galiza e Norte de Portugal como muitos autores afirma é, no mínimo, historicamente inaccurado, e irremediavelmente uma forma de negar ao galego sua importância histórica e tornar o português independente do que é na realidade sua origem. Nas célebres palavras de Weinreich: “*A shprakh iz a dialekt mit an armey un flot.*”⁸ (id.) (Uma língua é um dialeto com exército e marinha). Parto do princípio de que não há discurso não ideológico, e parece-me clara a ideologia por trás da nomenclatura galego-português para descrever qualquer língua que tenha sido alguma vez falada ao Norte do rio Minho. Concordo inteiramente com Bagno (2012), e o parafraseio, quando afirma que “o nome ‘galego-português’ [para designar a língua da Gallæcia] só responde às exigências da filologia lusa do século XIX”. Vale ressaltar que muitos autores, como o já citado professor Dr. Xoán Lagares (UFF), utilizam ainda o termo galego-português em oposição ao então popular português medieval, na tentativa de incluir o galego de alguma forma na história que lhe foi covardemente subtraída. Posiciono-me no que considero ser um passo adiante nesta jornada rumo à verdade histórica e recuso conscientemente a fictícia ancestralidade do português, ainda que talvez não sem prejuízo da credibilidade do meu trabalho. Creio que esta é a responsabilidade e o fardo do labor histórico (*pun intended*).

Monteagudo (1999), referindo-se a um tratado de poética trovadoresca do século XIII, o primeiro em que se nomeia especificamente o romance dos cancioneros medievais, diz:

Por certo, que este texto testemunha que a denominação que recebia a língua dos cancioneros, ao menos nos ambientes eruditos e trovadorescos em que se movia Jofre, era a de *galego*, e nos convida a questionar a moderna denominação, surgida nos ambientes filológicos lusitanos de finais do século XIX, de galego-português⁹. (MONTEAGUDO, 1999, p. 120, tradução minha)

Bagno (2012) afirma ainda:

É somente no século XIX que os estudiosos portugueses vão criar uma denominação para essa língua única em que foi produzida a rica literatura trovadoresca medieval. Essa denominação será *galego-português*. Esse nome não aparece em nenhum documento antigo. Ao contrário, quando se faz alguma referência à língua da poesia medieval, o nome que aparece é *galego*. O termo *galego-português* foi cunhado como uma espécie de compromisso ideológico entre duas tensões: o reconhecimento de que a língua da poesia medieval era basicamente o *galego*, e o anseio, de inspiração nacionalista, de incorporar aquela produção literária ao patrimônio cultural do povo português. (BAGNO, 2012, p. 222)

A tão celebrada norma linguística que o português conquistou veio em decorrência da independência política de Portugal. Do outro lado da fronteira, o Reino da Galiza-León foi anexado ao Reino de Castela e nunca mais foi independente. Essa realidade política contribuiu significativamente para que o galego fosse marginalizado por séculos e falsamente tomado por uma forma corrompida do castelhano. Com muito esforço, suor e sangue, essa realidade vem sendo mudada desde há pouco tempo.

O termo “língua” possui muitas acepções: pode ser utilizado para referir-se a uma realidade mental, construída e constituída por convenção em um processo de interação social, mas também pode referir-se a um construto teórico/ideológico utilizado para facilitar o controle político e/ou perpetrar juízos e prejuízos sociais.

Mais uma vez, Bagno sustenta:

A situação marginalizada do galego decerto contribuiu para que os filólogos portugueses do século XIX não sentissem grande estímulo em reconhecer e assumir a evidência de que o português era e é a continuação histórica da língua galega, levada cada vez mais ao sul, à medida que os reis portugueses expandiam seu território. [...] A presença de reis e de uma Corte é o que permitiu, portanto, à língua portuguesa distinguir-se e separar-se do galego,

⁸ א שפראך איז א דיאלעקט מיט אן ארמיי און פלאַט (WEINREICH, MAX. “Der Yivo un di problemen fun undzer tsayt”, In *Yivo-bleter* Vol. 25, 1, 1945, p. 13).

⁹ Por certo, que este texto testemunha que a denominación que recibía a lingua dos cancioneros, cando menos nos ambientes eruditos e trovadorescos em que se movía Jofre, era a de *galego*, e convidanos a cuestionar a moderna denominación, xurdida nos ambientes filolóxicos lusitanos de finais do século XIX, de galego-português. (MONTEAGUDO, 1999, p. 120).

uma língua que por muitos séculos não será objeto de cultivo literário, relegada aos usos menos nobres, sempre oprimida pelo castelhano centralizador. (BAGNO, 2012, p. 224)

Deboches portugueses direcionados aos cidadãos do Norte, como: *Eles não sabem distinguir um boi de uma vaca*¹⁰, são bastante sintomáticos dos prejuízos linguísticos das variedades do Sul em relação às variedades do Norte.

No século XII d.e.c. (1139), com a independência do Reino de Portugal, as variedades do galego abaixo do rio Minho, (galego português) sofrem cada vez menos influência das variedades ao norte do rio Minho (galego)¹¹. Em 1290, esse romance galego, aqui chamado galego português, é oficializado como língua de administração pública, em substituição ao latim. Esse marco histórico inicia um longo processo de normatização que criará, por fim, a língua utilizada por Camões em 1572, em seu célebre *Os Lusíadas*, conhecida mundialmente como português.

Remato a refutação do termo galego-português citando Bagno (2012):

[...] Se ela é “atestada pelo menos desde o séc. VIII”, quando ainda não existia a entidade política chamada Portugal (e nem mesmo o Contado Portucalense) e se somente no século XIV se estabelecería uma “fronteira linguística” entre o galego e o português, por que chamar a língua de “galego-português” e não simplesmente de galego, uma vez que a entidade político-geográfica chamada Galécia existia desde a época dos romanos? (BAGNO, 2012, p. 222)

1.1 Os Séculos Escuros e o Galego Moderno

Os séculos XVI, XVII e XVIII recebem a alcunha de “séculos escuros” nos trabalhos de historiografia linguística porque, neste período, o galego não é mais língua de prestígio, posição que ocupara durante a Alta Idade Média e que foi perdendo durante o final da Baixa Idade Média (XIII e XV). O domínio político da coroa de Castela sobre o Reino de Galiza-León contribuiu decisivamente para o abandono do galego pelos círculos de elite. A língua administrativa e de produção cultural passou a ser o castelhano, enquanto o galego ficou restrito aos círculos familiares e usos informais, (MARIÑO, 1998, p. 202) permanecendo como língua da massa até finais do século XVIII.

1.2 O Rexurdimento e o Galego Contemporâneo

No final do século XVIII, duas figuras destacam-se dentre os pensadores hispânicos, os padres beneditinos e galegos: Sarmiento e Feijoo. Esse último é considerado o pai da filologia românica e particularmente da galega. As análises tecidas por ambos a respeito da língua galega em diversas obras são de extrema importância, principalmente por tratarem desse tema que, na época, estava já tão obscurecido. Uma quantidade vasta de material oral e escrito foi coletada por Sarmiento enquanto de suas viagens pela Galécia¹². Contudo, sua maior contribuição foram as análises críticas sobre a história e natureza das línguas galego e português.

[Os portugueses], como tinham Monarca próprio, introduziram nas escritas públicas e privadas aquele vulgar primitivo que era comum às clases de galegos lucenses e bacharenses. O qual, com o tempo e com o exercício de escrever-se, fez-se como um dialeto distinto, e é o que hoje chamamos português. Si bem que ainda tem tanta semelhança com o vulgar galego que hoje se fala que nem todos sabem distinguí-la. (SARMIENTO, 1775, p. 202, In MARIÑO, 1998, p. 308, tradução minha)¹³

Suas análises estavam permeadas de propostas pedagógicas que demonstravam um sofisticado entendimento político-social da comunidade galega em particular e espanhola no geral. Sarmiento denunciou as

¹⁰ Referência ao fato de no norte de Portugal e em toda a Galécia os grafemas “b” e “v” terem a mesma realização sonora como fonema /b/.

¹¹ Essa diferenciação é puramente didática.

¹² Nesta época já não era mais o Reino de Galiza-León.

¹³ [Os portugueses], como tenían Monarca propio, introduzieron en las escrituras públicas y privadas aquel vulgar primitivo, que era común á las dos clases de Gallegos Lucenses, y Bracharenses; el qual, con el tempo, y con el exercicio de escribirse, se hizo como dialecto distinto, y es el que hoy llamamos Portugués; si bien aún tiene tanta semejanza con el vulgar Gallego, que hoy se habla que no todos le saben discernir (SARMIENTO, 1775, p. 202, In MARIÑO, 1998, p. 308).

práticas repressivas, abusivas e violentas da escola contra os alunos galegos, proibidos de usarem sua língua. Além disso, mostrava uma consciência diacrônica do léxico galego que ainda hoje gera frutos. Sarmiento e Feijoo foram duas das figuras mais importantes do que é chamado em galego *Prerexurdimento* (pré-ressurgimento), já no início do século XIX. Os intelectuais da época se veem insuflados por um sentimento provincialista que pretendia resgatar a Galícia de seu atraso político, social e econômico. Sendo, não sem motivo, a língua galega um importante pilar nesse processo.

A segunda metade do século XIX vê florescer o movimento denominado em galego como *Rexurdimento* (ressurgimento). Trata-se da produção de uma nova lírica em galego. Nova porque foi fruto inegável e sofisticado do século XIX, ainda que constituída sobre o conhecimento e voz da massa rural simples. O marco histórico desse movimento foi a publicação de *Cantares Gallegos*, provavelmente em 17 de maio de 1863¹⁴, por Rosalía de Castro.

«Cantarte hei, Galicia,
na lingua galega,
consolo dos males,
alivio das penas.
(...)
Que así mo pediron,
que así mo mandaron,
que cante e que cante
na lingua que eu falo.»

(Rosalía de Castro, *Cantares Gallegos*)

As Três Coroas, como ficam conhecidos Rosalía de Castro, Manuel Curros Enríquez e Eduardo Pondal, destacam-se dentre os pensadores e poetas desse período. A importância histórica desse movimento é tal que é impossível estar na Galícia e não sentir a presença de Rosalía, que não inventou o galego contemporâneo, mas que o estreou. Seus poemas são conhecidos e cantados por gente de todas as idades. Seu rosto estampa orgulhosamente camisas, bolsas, guarda-chuvas, capas de celulares, bijuterias e tantas outras coisas que a imaginação seja capaz de criar. Não há um único lugar em toda a Galícia em que não haja ao menos uma Rúa Rosalía de Castro, uma Praza Rosalía de Castro ou colégio. Ouso dizer que muito mais do que “*Nazón de Breogán*”¹⁵, a Galícia é a *Nazón de Rosalía*. E para todas as partes do mundo em direção às quais imigrantes galegos voltaram suas cabeças e pés, para ali também foi Rosalía.

Já o século XX chega à Galícia com o surgimento das Irmandades da Fala, entre 1916 e 1920. As duas primeiras décadas permaneciam ligadas ao mundo do século XIX. Esta, que ficou conhecida como Geração Nós, defendia que o galego era uma língua com vocação universal, não mais presa ao âmbito rural e doméstico, mas também vibrantemente língua da cidade e da universidade. O médico, pintor, escritor e político Castelao apadrinhou o nacionalismo galego com sua luta incansável pela identidade galega. Sua obra mostra que o galego era uma língua da prosa e do ensaio. Com ele, destacam-se os autores: Vicente Risco, Otero Pedrayo, López Cuevillas, e tantos outros. De muitas formas, Castelao é o sucessor de Rosalía, ampliando seu trabalho para esferas mais contemporâneas da vida cultural. Sua luta dá-se em muitas frentes, e, dentre elas, destaca-se o movimento político pela legalização e reconhecimento da Galícia como região autônoma. É graças aos seus esforços que o Estatuto de Autonomia Galego chega às vésperas de ser aprovado¹⁶, sendo brutalmente interrompido pela sublevação militar de 1936 que conduziu à mundialmente conhecida Guerra Civil Espanhola.

1.3 Guerra Civil Espanhola, Franquismo e a perseguição ao galego

Entre os anos de 1936 e 1939, a Espanha é assolada por uma guerra civil que a devasta. Toda sorte de atrocidades, incluindo campos de concentração, execuções sumárias e sequestros, formaram as práticas de uma política fascista que defendia um Estado Único, com uma única língua, uma única cultura, avesso ao comunismo e aos ideais republicanos. A brutalidade dos confrontos foi tal que gerou uma crise nacional profunda, abalando as bases multiculturais da Espanha. A guerra termina em 1939 com a ascensão de Francisco Franco Bahamonde à

¹⁴ Esta data fica registrada como o Dia das Letras Galegas, comemorado anualmente em toda a Galícia.

¹⁵ Título do Hino Galego que faz referência ao lendário rei celta que governou a Galiza e que é o referente mitológico da nação galega.

¹⁶ De fato, e mais precisamente, o Estatuto foi aprovado pelo governo republicano no exílio, mas não teve qualquer efeito prático já que, então, a Espanha era governada por Franco.

posição de chefe de Estado e chefe de Governo. Centenas de milhares de intelectuais foram impelidos ao exílio¹⁷ em consequência dos conflitos. O então já aprovado Estatuto de Autonomia Galego não foi oficializado junto ao governo federal, e os esforços iluministas fomentados por Rosalía, Curros, Pondal, Castelao e tantos outros remodela-se para a esfera da produção literária. A luta política que antes era travada pelo Partigo Galeguista, volta-se agora para âmbitos culturais, sendo fundada então a Editorial Galaxia em 1950.

Em 25 de julho de 1950, celebrou-se no bar do hotel Compostela, em Santiago, a Assembléia fundadora da Editorial Galaxia. Sob a presidência de Ramón Otero Pedrayo, o Patriarca das Letras, e com a presença de personalidades singulares do galeguismo, como Manuel Gómez Román, secretário do Partido Galeguista, configurava-se naquela ocasião o núcleo principal da resistência cultural e política do galeguismo, obrigado à clandestinidade e ao exílio depois da Guerra Civil (1936). Francisco Fernández del Riego, Xaime Illa Couto e Ramón Piñeiro foram as três personalidades que desde o primeiro momento orientaram a editorial, comprometida com a recuperação da língua e da cultura galega, nos tempos difíceis da ditadura. (<<http://www.editorialgalaxia.es/editorial/historia.php>>, consultado em 22/06/2016, tradução minha)¹⁸

Graças a esses esforços, durante a década de 60, a produção literária galega cresce quase que em proporção geométrica. O sentimento da população ainda era o de estarem vivendo uma intensa repressão, o que limitou o galego aos usos informais. Como medida de combate contra essa realidade, estabeleceu-se a Cátedra de Linguística e Literatura Galegas¹⁹ na Faculdade de Filosofia e Letras²⁰ da Universidade de Santiago de Compostela mediante esforços do professor Carvalho Calero²¹ (BOULLÓN AGRELO; TATO PLAZA, 1991) entre 1965 e 1966. Em 1971, outro marco histórico seguiu-se à cátedra, a fundação do Instituto da Lingua Galega em 1971.

O Instituto da Lingua Galega é um centro de investigação pertencente à Universidade de Santiago de Compostela. Desde a sua fundação, em maio de 1971, o Instituto vem desprendendo uma intensa atividade investigadora nos campos da linguística e da filologia galegas e, ao mesmo tempo, no desenvolvimento de ferramentas e aplicativos tecnológicos que ponham ao dispor da comunidade acadêmica e da sociedade no seu conjunto o conhecimento gerado no marco das atividades de investigação. Ademais, contribuiu decisivamente com o processo de codificação ortográfica, gramatical, lexical e fonética do galego moderno²². (<<http://ilg.usc.es/gl/o-instituto>>, consultado em 22/06/2016, tradução minha)²³

Com a morte de Franco e a ascensão ao trono do rei Juan Carlos I de Espanha como chefe de Estado, são feitas as primeiras eleições democráticas pós ditadura (1977), e estabelece-se um governo parlamentarista monárquico com a aprovação da Constituição Espanhola (1978). O Estatuto de Autonomia galego é aprovado em 1981, estabelece a Comunidade Autónoma da Galícia, com pleno poder de auto-gestão, cuja língua oficial de ensino e administração pública é o galego. Apartir de então, os esforços para a normatização do galego contemporâneo tomam lugar, liderados pelo Instituto da Lingua Galega e validados pela Real Academia Galega.

¹⁷ Entre 220.000 e 440.000; a primeira cifra é dos "permanentes"; a segunda inclui os que regressaram nos anos 40 por culpa da II Guerra Mundial, sobretudo da França.

¹⁸ O 25 de xullo de 1950 celebrouse no bodegón do hotel Compostela, en Santiago, a Asemblea fundacional da Editorial Galaxia. Baixo a presidencia de Ramón Otero Pedrayo, o Patriarca das Letras, e coa presenza de personalidades senlleiras do galeguismo, como Manuel Gómez Román, secretario do Partido Galeguista, configurábase daquela o núcleo principal da resistencia cultural e política do galeguismo, obrigado á clandestinidade e ao exilio despois da Guerra Civil (1936). Francisco Fernández del Riego, Xaime Illa Couto e Ramón Piñeiro foron as tres personalidades que dende o primeiro momento orientaron a editorial, comprometida coa recuperación da lingua e da cultura galega, nos tempos difíciles da ditadura.

¹⁹ Górmén do actual Departamento de Filoloxía Galega.

²⁰ Actual Facultade de Filoloxía.

²¹ A grafía aquí utilizada é conforme o uso do propio. Segundo a grafía *standard* do galego sería Carballo Calero.

²² O uso do termo galego moderno refere-se ao que neste traballo é chamado de galego contemporáneo.

²³ O Instituto da Lingua Galega é un centro de investigación pertencente á Universidade de Santiago de Compostela. Desde a súa fundación, en maio de 1971, o Instituto vén despregando unha intensa actividade investigadora nos eidos da linguística e da filoloxía galegas e, ao tempo, no desenvolvemento de ferramentas e aplicacións tecnolóxicas que poñan ao dispor da comunidade académica e da sociedade no seu conxunto o coñecemento xerado no marco das actividades de investigación. Ademais, contribuíu decisivamente ao proceso de codificación ortográfica, gramatical, lexical e fonética do galego moderno. (<<http://ilg.usc.es/gl/o-instituto>>, consultado em 22/06/2016).

Todas as divisões entre galego medieval, moderno e contemporâneo expressas neste trabalho são uma construção teórico-metodológica conceitual que visa facilitar a compreensão do período histórico a que nos referimos no texto, e não uma divisão real da língua como objeto ou série de objetos discretos.

1.4 Sobre o Paradoxo do Observador e de como ele acaba com minhas noites de sono

Labov afirmou:

[...] objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática. (LABOV, 2008, p. 245).

O Paradoxo do Observador, como ficou conhecido, afirma que, ao observar, o observador altera em alguma medida o objeto observado. Labov estava pensando na relação entre o falante de determinada língua e o pesquisador linguístico que o observa, mas, em outras áreas de pesquisa científica essa premissa também é verdadeira. A física relativista proposta por Einstein postula, e isto ainda se sustenta, que o fóton é uma partícula e ao mesmo tempo uma onda. A isso dá-se o nome de superposição quântica. Da mesma forma, a mecânica quântica, apresentando e defendendo o Modelo de Nuvem de Elétrons (*Eléctron Cloud Model*), afirma que os elétrons não orbitam um núcleo atômico obrigatoriamente. Eles podem estar em todas as posições possíveis dentro da área denominada nuvem de elétrons (*eléctron cloud*) ao mesmo tempo, e apenas quando medidos podemos encontra-los em uma determinada posição.

Então, aplicando esse conceito à pesquisa linguística, é possível afirmar que o objeto é em parte “criado” pelo observador/pesquisador. Isso não significa que um investigador está autorizado a “ver” aquilo que quer ver. Não defendo relativismo científico. Significa que o método utilizado para observar um determinado objeto define o objeto. O fóton será uma onda quando o pesquisador fizer uma medição para onda, e será uma partícula quando o pesquisador fizer uma medição para partícula.

Defendi no início do item 1 que o português é essencialmente uma variedade do galego falado no sul da *Gallæcia*, e que, por motivos políticos, foi considerado uma língua distinta daquela a partir do século XIII. A distinção linguística entre galego e português, se é que existe, data de finais do século XIV, apesar de que o padre Sarmiento indique que ainda no século XVIII essa fronteira não era nítida para nenhuma das duas partes. Isso cria uma situação muito curiosa. Como falante nativo do português, uma língua que utiliza as clivadas em uma taxa mais elevada do que o galego, sou impreterivelmente levado a fazer uma leitura focal da maioria dos dados que recolhi nos *corpora* aqui analisados²⁴. No outro oposto deste *continuum*, o professor doutor Francisco Cidrás Escáneo, coorientador desta pesquisa, falante nativo do galego, tende a interpretar muitos dados sem leitura focal. Após um ano de discussões sobre esse fenômeno, chegamos à conclusão de que a realidade sincrônica de nossas línguas influencia a forma como interpretamos os dados históricos. Esse fenômeno não acontece sempre, mas foi persistente e sistemático. Isso tem exigido um posicionamento metodológico muito estrito na pesquisa. Não é do interesse deste artigo apresentar as diferenças dos dados que são, sem sombra de dúvida, focais e aqueles que possuem uma leitura ambígua. Quero apenas salientar que faz parte do desenvolvimento da pesquisa essa distinção nos dados dos séculos XIX e XX. Quanto aos dados dos séculos XIII ao XVI, sua natureza é ambígua, salvo raras e importantes exceções²⁵.

1.5 Limitações desta pesquisa

Não obstante tudo o que já foi falado aqui, devo clarificar os limites possíveis deste trabalho, e um deles diz respeito às fontes. Por mais que seja desejável que um trabalho como este vá ao Latim e busque ali as possíveis

²⁴ Mesmo daqueles que não são formalmente clivadas, tais como a construção Ser Que ou a família das Pseudo-Clivadas.

²⁵ O parecerista anônimo apontou para a questão da plausibilidade de que o pesquisador influenciasse os dados históricos, já que eu defendo essa possibilidade. Resumo a problemática desta forma: Ao evocar a superposição quântica e a teoria da mecânica quântica, redireciono a proposta do Paradoxo do Observador de Labov para a pesquisa histórica. Os dados apresentam variadas configurações construcionais, e cabe a nós pesquisadores determinar se cada dado possuía ou não a interpretação necessária para ser identificado como construção de foco. Isso foi feito caso a caso. A interferência que nós pesquisadores causamos, ou não, nos dados históricos não pode ser, obviamente, na produção do dado, mas na análise do que o falante/escritor intencionava no momento em que produziu o dado. A observação e posterior análise alteram o dado, ainda que não alterem a produção dele. A resolução metodológica dessa problemática não será tema deste artigo.

fontes das construções de foco e construções clivadas, seria uma tarefa hercúlea, muito acima das possibilidades limitadas de uma investigação doutoral. Muito mais honesto é fomentar que diversos pesquisadores se engajem nessa empreitada, desenvolvendo trabalhos correlatos. E é exatamente a isso o que minha pesquisa, e este artigo em particular, se propõe.

Outra limitação importante é a abrangência quantitativa dos *corpora*. Esta investigação assume a responsabilidade de trabalhar diacronicamente com uma língua que passou e ainda passa por severos problemas de ordem política, social e econômica. Um dos efeitos que esses problemas projetam é a pequena quantidade de material disponível nos *corpora*. É óbvio que a maioria dos trabalhos que tratam diacronias linguísticas que perpassam a Idade Média sofre com a escassez de material para o qual olhar. O problema é que o galego rapidamente foi substituído como língua de registro tanto para questões oficiais quanto para a própria lírica trovadoresca. Ademais, a quantidade de documentos preservados e recuperados até esta data ainda é pequena. A isso, some-se a dificuldade de transcrever a(s) grafia(s) medieval(ais), o que ocasionou e ainda ocasiona muitos erros importantes com os quais os pesquisadores devem lidar. Este trabalho assume a falibilidade do material analisado e tenta superá-la utilizando, quando possível, diversas fontes para o mesmo texto. Todos os dados foram analisados com máximo escrutínio para minimizar possíveis inaccurácias nos resultados. Isso significou o abandono de uma quantidade relativamente razoável de dados para os quais não havia uma leitura clara. Em outros casos, quando o erro nos pareceu óbvio, optamos por uma interpretação distinta daquela apresentada na publicação.

2. Pressupostos Teóricos e Definição do Fenômeno

2.1 Pressupostos Teóricos

2.1.1 Gramática de Construções Baseada no Uso

Esta pesquisa orienta-se pela Gramática de Construções Baseada no Uso, que entende o sistema linguístico dos indivíduos como fundamentado em “eventos de uso”, que são instâncias de produção e compreensão linguística do falante (KEMMER; BARLOW; MICHAEL, 1999). Estas instâncias formam a base sobre a qual o sistema linguístico do falante é constituído, de modo que a relação entre as representações mais abstratas na gramática interna do falante e os eventos de uso é direta. As representações, por mais abstratas que sejam, são ligadas a instâncias específicas de seus padrões, sendo essas produto do sistema linguístico do falante e também *input* para o sistema de outros falantes.

Cunha Vieira (2016), sobre os Modelos Baseados no Uso, diz:

Langacker (1988) define três características essenciais a esses modelos: **são maximalistas e não reducionistas**, de modo que as representações abstratas da gramática interna do falante são plurais (*massive*) e altamente redundantes; **bottom up**, de forma que o específico e o idiossincrático são privilegiados acima do geral na aquisição e operacionalização do sistema linguístico. Essas três características estão intimamente ligadas aos processos de mudança linguística que, tomados juntamente com o uso e o processamento cognitivo, permitem-nos analisar a linguagem como um complexo sistema adaptativo (HOPPER, 1987; LARSEN-FREEMAN, 1997; BYBEE, 2010). (CUNHA VIEIRA, 2016, traduzido do original em galego)

Utilizo o termo “construção” como definido por Traugott e Trousdale (2013):

Como Croft e Goldberg, nós definimos a construção como pareamentos de forma-significado. Esse pareamento pode ser pensado em termos de várias dimensões, todas elas gradientes. Dentre elas está o tamanho, grau de especificidade fonológica, e tipo de conceito. Uma vez que a arbitrariedade do signo implica idiossincrasia, idiossincrasia está presente em uma construção por *default*. Assim sendo, nós não consideramos idiossincrasia como uma dimensão especial. Contudo, existem graus de idiossincrasia, e esses necessitam ser especificados em um refinado inventário de construções. Finalmente, frequência não é

considerada como fator uma vez que “frequência suficiente” não é operacional²⁶. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 11, tradução minha)



*Unidade convencionalizada

*Ligação simbólica

Figura 1 - Traduzido e adaptado de (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013). Sugiro fortemente consulta ao original.

A língua, entendida neste artigo como uma realidade mental, é composta por construções, que são unidades simbólicas organizadas em rede (LANGACKER, 1987; CROFT, 2005). Traugott e Trousdale (2013) propõem que as línguas podem passar por dois tipos de mudanças que afetam as construções: a) **Mudanças Construcionais** - mudanças que ocorrem nos diferentes níveis de uma construção já existente; b) **Construcionalizações** - mudanças que criam um novo pareamento de forma e significado.

Além disso, segundo o modelo apresentado, a intencionalidade da produção linguística de um indivíduo em uma determinada situação influencia e/ou determina as escolhas estruturais.

2.1.2 Foco como categoria linguística

Quanto ao conceito de foco, utilizo aquele defendido por Halliday:

O foco de informação é um tipo de ênfase, através do que o falante sinaliza a parte (que pode ser o todo) da mensagem como aquela que ele deseja que seja interpretada como informativa. O que é focal é **informação 'nova'**; não no sentido de que não pode ter sido previamente mencionada, embora, frequentemente, não tenha sido, mas no sentido de que o falante a apresenta como se não fosse recuperável do discurso precedente. (HALLIDAY, 1967, p. 204, tradução e grifo meus)²⁷

Braga et. al. (no prelo) defende, sustentando-se em Dik (1981), que existam ao menos seis tipos de foco. Para que seja possível exemplificar cada um, imagine uma situação em que haja dois sujeitos dialogando (Sujeito 1 e Sujeito 2):

- **Foco Completivo**: completa a informação pragmática do ouvinte.

Sujeito 1: Maria comprou batata.

Sujeito 2: **Foi batata e cenoura que** Maria comprou.

- **Foco Seletivo**: seleciona o valor correto em um conjunto pressuposto de valores possíveis.

Sujeito 1: Maria comprou batata ou cenoura?

Sujeito 2: **Foi cenoura que** Maria comprou.

²⁶ Like Croft and Goldberg, we define a construction as a form-meaning pairing. This pairing can be thought of in terms of various dimensions, all of them gradient. Among them are size, degree of phonological specificity, and type of concept. Since the arbitrariness of the sign entails idiosyncrasy, idiosyncrasy is present in a construction by default. Therefore we do not consider idiosyncrasy to be a special dimension. There are, however, degrees of idiosyncrasy, and these need to be specified in a finegrained inventory of constructions. Finally, frequency is not considered as a factor since 'sufficient frequency' is not operationalizable. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 11)

²⁷ Information focus is one kind of emphasis, that whereby the speaker marks out a part (which may be the whole) of a message block as that which he wishes to be interpreted as informative. What is focal is 'new' information; not in the sense that it cannot have been previously mentioned, although it is often the case that it has not been, but in the sense that the speaker presents it as not being recoverable from the preceding discourse. (HALLIDAY, 1967, p. 204)

- **Foco Expansivo**: apresenta a informação a ser acrescentada à informação pragmática do ouvinte.

Sujeito 1: Maria comprou batata?

Sujeito 2: **Foi batata e cenoura que** Maria comprou.

- **Foco Restritivo**: restringe um conjunto pressuposto de referentes.

Sujeito 1: Maria comprou batata e cenoura.

Sujeito 2: **Foi cenoura que** Maria comprou.

- **Foco Substitutivo**: substitui a informação que é julgada incorreta e, portanto, que deve ser rejeitada.

Sujeito 1: Maria comprou batata.

Sujeito 2: **Foi cenoura que** Maria comprou.

- **Foco Paralelo**: gera um contraste explícito ou implícito.

Sujeito 2 fala para Sujeito 1: **Foi cenoura que** Maria comprou (e não batata).

- **Foco Resumitivo**: resume a informação complexa anterior.

Sujeito 1: Maria comprou batata e cenoura.

Sujeito 2: **Foi isso que** Maria comprou.

2.2 Definição do Fenômeno

Segundo Lambrecht (2001):

Uma CONSTRUÇÃO CLIVADA é uma estrutura complexa que consiste de uma oração matriz introduzida por uma cópula e de uma oração relativa ou tipo relativa cujo argumento relativizado está coindexado ao argumento predicativo da cópula. Consideradas juntas, as orações matriz e relativa expressam uma proposição logicamente simples, que poderia ter sido igualmente expressa sob a forma de uma oração simples sem mudança nas condições de verdade. (LAMBRECHT, 2001, p. 467)²⁸

Abaixo, exemplifico, em Português, as construções aqui analisadas:

(1) **Pseudo-Clivadas Invertidas**:

Ele é quem estuda o galego.

[[[σ_1] SER REL] V SN₂] ↔ [X_{focal} estudar Z]]

(2) **Pseudo-Clivada Extraposta**:

É ele quem estuda o galego.

[[SER [σ_1] REL] V SN₂] ↔ [X_{focal} estudar Z]]

(3) **Canônica**:

É ele que estuda o galego.

[[SER [σ_1] QUE] V SN₂] ↔ [X_{focal} estudar Z]]

(4) **Ser Que**:

Ele é que estuda o galego.

[[[σ_1] SER QUE] V SN₂] ↔ [X_{focal} estudar Z]]

É importante salientar que qualquer elemento sintagmático pode ser focalizado: um complemento, um circunstancial ou mesmo o verbo principal de uma locução.

²⁸ A CLEFT CONSTRUCTION is a complex structure consisting of a matrix clause headed by a copula and a relative or relative-like clause whose relativized argument is coindexed with the predicative argument of the copula. Taken together, the matrix and the relative express a logically simple proposition, which can also be expressed in the form of a single clause without a change in the truth conditions." (LAMBRECHT, 2001, p. 467)

Aplicando a classificação de Noël (2007), podemos afirmar que essas são construções complexas e altamente esquemáticas, em total acordo com Goldberg (2003, p. 220) e Croft e Cruse (2004, p. 248).

Em GC, construções são diferenciadas por sua posição em dois contínuos separados: um tem a ver com complexidade: menos complexa ou 'atômica' *versus* altamente complexa; outro tem a ver com preenchimento lexical: preenchida ou 'substantiva' *versus* não preenchida ou 'esquemática'. (NOËL, 2007, p. 181)

Lambrecht (2001) aponta dois princípios que motivariam o uso de clivadas. O primeiro menciona questões formais:

Princípio 1: "A ocorrência de construções clivadas em uma língua relaciona-se com o grau de liberdade da posição do acento prosódico e dos constituintes sintáticos nessa determinada língua." (LAMBRECHT, 2001, p. 488)²⁹

O segundo menciona questões funcionais:

Princípio 2: "Construções clivadas são mecanismos de marcação de foco que visam prevenir indesejada predicação-focal de uma proposição. Clivadas servem para marcar como focal um argumento que, de outra maneira, poderia ser entendido como não focal, ou como não focal um predicado que poderia ser, de outra maneira, entendido como focal, ou ambos." (LAMBRECHT, 2001, p. 488)³⁰

Braga et. al. (no prelo), em uma investigação sobre clivagem no português brasileiro, aponta o que poderia ser um terceiro princípio:

A outra questão tem a ver com a motivação que leva ao emprego dos mecanismos de clivagem. Em outras palavras, por que clivar um constituinte cujo referente é dado, compartilhado pelos interlocutores? A descoberta de Fowler e Housum (1987, citado em BYBEE, 2010) que mostraram que a segunda emissão de uma mesma palavra em um único discurso é significativamente mais curta do que a primeira emissão pode, indireta e parcialmente, explicar o emprego de uma construção clivada. A clivagem de um constituinte, por meio do verbo SER e/ou palavra Qu, reverteria a tendência ao encurtamento da segunda emissão e reforçaria a presença de um referente no foco de consciência do ouvinte. (BRAGA et al. no prelo).

Cunha Vieira et. al. (2016) propõem "que as construções clivadas sirvam para focalizar elementos frasais e reforçá-los na memória de trabalho (memória focal) do ouvinte/leitor", o que poderia levar um leitor desavisado a concluir que o Princípio da Não Sinonímia estaria sendo violado. No entanto, Braga et al. (no prelo) argumentam em favor de diferenças contextuais importantes entre as várias estratégias de clivagem.

Em relação aos aspectos textuais-discursivos, o exame das variadas construções clivadas mostra que elas estão inter-relacionadas entre si e que, apesar de compartilharem alguns traços, cada uma apresenta especificidades particulares. Elas confirmam, então, o princípio da não-sinonímia proposto em Goldberg (1995), de acordo com o qual se duas (ou mais) construções são sintaticamente distintas, elas precisam ser semântica ou pragmaticamente distintas. Ilustram, mais uma vez, o caráter gradiente das categorias linguísticas. (BRAGA et. al., no prelo, p. 17)

²⁹ PRINCIPLE 1: The occurrence of cleft constructions in a language correlates with the degree of positional freedom of prosodic accents and syntactic constituents in that language. (LAMBRECHT, 2001, p. 488)

³⁰ PRINCIPLE 2: Cleft constructions are focus-marking devices used to prevent unintended predicate-focus construal of a proposition. Clefts serve to mark as focal an argument which might otherwise be construed as non-focal, or as non-focal a predicate that might otherwise be construed as focal, or both. (LAMBRECHT, 2001, p. 488)

2.3 Corpus

Para referências medievais, utilizo o **Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega (TMILG)**, que abrange uns 16000 textos e documentos anteriores a 1600. Sua distribuição ao longo dos séculos é muito assimétrica, decaindo rapidamente no século XV e, mais ainda, no XVI (começo dos séculos escuros).

3. O Possível Caminho da Construcionalização

Antes da análise das construções clivadas, gostaria de chamar atenção para um achado que me pareceu muito significativo nesta pesquisa.

- (5) Aquestas **son as que** el enviara, | sen as outras que con el[e] ficaron, | de que paga os que o aguardaron, | á gran sazón; e demais seus amigos | pagará delas e seus ãmigos, | ca tal est ' el, que nunca lhi menguaron | Nen minguaran, ca mui ben as barata | de mui gran terra que ten ben parada, | de que lhi non tolhe nulh ' ome nada; (TMILG 024)
- (6) Et estas herdades que vos damos **son as que** Rodrigo Aluares teuo con Maria Peres de nos en sa vida no couto de Pombeyro, anbos en huno per çertas cartas en todo o couto de Pombeyro, segund as cartas que son entre nos et Affonso Rodrigues e Gomes Fernandes, en que dize que les non finque al si non o que pertesçia a Maria Peres, que finque a seus herdeyros; o al seia nosso quanto Rodrigo Aluares con Maria Peres teuo en sa vida no couto de Pombeyro. (TMILG 025)
- (7) Et nos o dito don Pero Gomes, prior, que sãomos presente, asy resçeuemos a posison dos ditos dous lugares de erdade para o dito noso mosteiro segundo que nos per uos son dados et outorgados; et por esta presente carta damos et outorgamos em canbeo por esto que sobredito he as nosas casas con sua erdade em que estan sytadas a vos o dito don Gomes, prior de Poonbeiro, et ao dito voso moeteiro por jur d ' erdade sua proprietaria, de disemo a Deus, libres et quites de todo outro cargo et tributo nengun para senpre jamays; as quaes ditas casas **son as que** feso Vasco Peres. (TMILG 026)

Os exemplos (5), (6) e (7) são construções NÃO clivadas que apresentam valor contrastivo paralelo. Isso nos mostra que a função foco preexistia às construções de foco no galego medieval. Orações equativas com oração relativa acoplada ao predicativo omitido ((8) e (9)) são uma evidência de um período em que orações relativas sofriam um processo de heterossemia (*heterosemy*), e é possível que esse contexto de contraste possa ter originado as Pseudo-Clivadas Invertidas (10) por um processo de neoanálise. Por sua vez, as Pseudo-Clivadas Invertidas teriam originado as Ser Que (11).

- (8) Estas ditas casas são as [casas] que Vasco Peres fez.
 (9) Estes ditos carros são os [carros] que Vasco Peres comprou.
 (10) Estes ditos carros são os que Vasco Peres comprou.
 (11) Estes ditos carros é que Vasco Peres comprou.

Ainda que eu não possa afirmar essa descoberta, há indícios suficientes para que a hipótese seja levantada. É impossível distinguir entre orações do tipo (9) e (10), porque o sujeito é masculino. Isso cria ambiguidade porque não podemos ter a certeza de que o artigo que antecede a palavra QU está concordando em gênero com o sujeito ou não. Esta é precisamente a diferença as orações do tipo (8) e (20).

Deparei-me também com um curioso uso da sequência *Ser Que* que não possuía a esperada interpretação focal:

- (12) El cuitad ' assi andando, || un dia **foi que** chegou || a Cunneiro, e entrando || na eigreja, ascuitou || e oyu como cantavan | vesperas a gran lezer || da Virgen Santa Reÿna; | e quis con eles erger || A Madre do que de terra | primeir ' ome foi fazer...|| (TMILG 029)
- (13) En Trevyn[n] ' un cavaleiro **foi que** era caçador, || e perdeu, andand ' a caça | hũa vez, un seu açor || que era fremos ' e bõo, | demais era sabedor || de fillar ben toda ave | que açor dev ' a prender.|| (TMILG 030)

(14) Dous monges **foi que** sayron | un dia dun mōesteiro || pora averen conorte | do grand ' affan e marteiro
|| que segund ' ordin soffrian; | e tod ' un dia inteiro || andaron riba dun rio, | ca era logar viçoso, || O
nome da Virgen [santa | a]tan muit ' é temeroso ...|| (TMILG 031)

As três ocorrências foram encontradas em *Cantigas de Santa Maria*, datadas do século XIII. Em (12), temos um exemplo que comporta ao menos duas interpretações. A primeira interpretação é a que apresento em (12):

(12') Um dia, aconteceu que chegou a Cunnegro.

Contudo, é possível ver similitudes com os exemplos (13) e (14), para os quais não cabe a interpretação de (12'), se não uma interpretação formulaica de início de narrativa, semelhante à expressão “era uma vez”, do português, “*once upon a time*”, do inglês, e “*érase una vez*”, do espanhol. O galego atual faz uso da expressão utilizada também em português.

Tomando uma perspectiva de GC, apesar de do ponto de vista formal essas construções se assemelhem a uma clivada, uma análise do significado nos mostra tratar-se de outro tipo de construção. Essa importante constatação pode ser uma resposta, ao menos potencial ou parcial, do porque não encontramos um único exemplo de *foi que* (com o tempo pretérito) em nenhum dos dados com interpretação focal no *corpus* medieval. A existência desse *prefab* (BYBEE, 2010, p. 35) com um valor narrativo pode ter sido um fator que contribuiu para a restrição do tempo da cópula quando se intencionava dar uma leitura focal a um enunciado.

Analisemos então as construções de foco aqui proposta que foram efetivamente encontradas nos *corpora*:

(15) “*ess' é que* foi com os lobos arar³¹” (TMILG 010)
João Garcia de Guilhade, Lourenço

- Lourenço jograr, hás mui gram sabor
de citolares, ar queres cantar,
des i ar filhas-te log'a trobar
e teens-t'ora já por trobador;
e por tod'esto ùa rem ti direi:
Deus me confonda, se hoj'eu i sei
destes mesteres qual fazes melhor!

- Joam Garcia, sōo sabedor
de meus mesteres sempre deantar,
e vós andades por mi os desloar;
pero nom sodes tam desloador
que, com verdade, possades dizer
que meus mesteres nom sei bem fazer;
mais vós nom sodes i conhocedor.

- Lourenço, vejo-t'agora queixar:
pola verdade que quero dizer,
metes-me já por de mal conhocer,
mais en nom quero tigo pelejar;
e teus mesteres conhocer-tos-ei,
e dos mesteres verdade direi:
ess'é que foi com os lobos arar.

³¹ “O que para nós, logo xustificarémolo, equivale a dicir: ‘a ti pásache como a aquel que foi arar cos lobos: que perdeu o tempo, que fixo algo inútil, que traballou en balde’ ou mellor aínda, ‘dígoche deles como dixo o que arou cos lobos: dou ao demo todos; postos a escoller entre eles ningún vale un farrapo de gaita.’” (SOTO, MARÍA ROSARIO A.; GONZÁLES, LUIS G., 2007, p. 229)

- Joam Garcia, no vosso trobar
acharedes muito que correger;
e leixade mi, que sei bem fazer
estes mesteres que fui começar;
ca no vosso trobar sei-m'eu com'ê:
i há de correger, per bõa fé,
mais que nos meus, em que m'ides travar.

- Vês, Lourenç[o], ora m'assanharei,
pois mal i entenças, e tod'o farei
o citolom na cabeça quebrar.

- Joam Garcia, se Deus mi perdom,
mui gram verdade dig'eu na tençom;
e vós fazed'o que vos semelhar.

(16) “*por meu mal é que* tan bem parecades” (TMILG 012)
Martim Soares

Senhor fremosa, pois me non queredes
creer a cuita ´n que me ten amor
por meu mal é que tan bem parecades!
E por meu mal vos filhei por senhor
e por meu mal tan muito ben oi
dizer de vos! E por meu mal vus vi,
pois meumal é quanto ben vos avedes!

E pois vus vos da cuita non nembrades,
nen do affan que m´amor faz prender
por meu mal vivo mais ca vos cuidades!
e por meu mal me fezo Deus nacer!
E por meu mal, non morri u cuidei
como vos viss´; e por meu mal fiquei
vivo, pois vos por meu mal ren non dades!

E d´esta cuita ´n que me vos teendes,
em que og´eu vivo tan sen sabor
que farei eu pois mi-a vos non creedes?
que farei eu, cativo pecador?
que farei eu, vivendo sempre assi?
que farei eu, tque mal-dia naci?
que farei eu, pois me vos non valedes?

E pois que Deus non quer que me valhades,
nem me quirades mia coita creer,
que farei eu - por Deus, que mi-o digades!
que farei eu, se logo non morrer?
que farei eu, se mais a viver ei?
que farei eu, que conselhor non sei?
que farei eu, que vos desamparades?

(17) “**Aquest' é o que** tant 'ei buscado.” (TMILG 019)
Cantigas de Santa Maria

E morou ena vila ben quinze días,
buscand' o fól per carreiras e per vías;
e poi-lo non achou, disse: “A Messías
póss' éu aver ante que aquest' achado.”
A creer devemos que todo pecado...

Stanza XXII

Esto dizendo, viu vñir muita gente
escarnecend' un óme mui fèramente,
mui magr' e roto e de fól conteneente,
e diss': “Aquest' é o que tant' ei buscado.”
A creer devemos que todo pecado...

Stanza XXIII

Pero se aquest' é fól, pela ventura,
aguardá-lo-ei tēena noit' escura;
ca se el non é ben louco de natura,
algun irá lonj' albergar apartado.”
A creer devemos que todo pecado...

Os três exemplos são indiscutivelmente focais. Apresentam foco paralelo (de contraste explícito) e isso poderia levar-nos a afirmar que as construções Ser Que ((15) e (16)) e Ps.Cl.In. (17) já existiam no século XIII. Porém, nesta etapa da investigação, a dúvida sobre essa afirmativa ainda persiste. Seriam esses exemplos de nódulos novos na rede do galego ou ainda um uso mais específico de outras construções. Em outras palavras: seria possível afirmar que o processo de construcionalização já havia se consolidado ou mesmo terminado no século XIII?

Todos os dados recolhidos no TMILG possuem uma estrutura³² semelhante à construção Ser Que ou à construção Ps.Cl.In.

Formalmente, as construções Ps.Cl.In. caracterizam-se por apresentarem o constituinte focalizado na periferia esquerda do enunciado seguido de verbo *ser* mais pronome relativo e a oração sem o constituinte focalizado. Já as construções Ser Que caracterizam-se por apresentarem o constituinte focalizado na periferia esquerda do enunciado seguido de verbo *ser* mais palavra invariável QUE e a oração sem o constituinte focalizado.

3.1 Pseudo-Clivadas Invertidas

Todos os dados de Ps.Cl.In. recolhidos nesta investigação focalizavam pronomes demonstrativos.

(18) Da mha senhor que eu servi | sempr ' e que mais ca mi amei, | veed ', amigos, que tort ' ei | que nunca tam gram torto vi; | ca pero a sempre servi | grand ' é o mal que mha senhor | mi quer, mais quero -lh ' eu maior | Mal que posso; sei per gram bem | lhi querer mais c ' a mim nem al, | e se aquest' é querer mal, | est ' **é o que** a mim avem; | ca pero lhi quero tal bem | grand ' é o mal que mha senhor | mi quer, mais quero -lh ' eu maior | Mal que posso; se per servir | e pela mais ca mim amar, | se est ' é mal, a meu cuidar | este mal nom poss ' eu partir; | ca pero que a fui servir | grand ' é o mal que mha senhor | mi quer, mais quero -lh ' eu maior | Mal que poss ' ; e pero nozir | nom mi devia desamor, | c ' al que no bem nom a melhor. (TMILG 16)

(19) “**Aquest' é o que** tant ' ei buscado.|| (TMILG 19)

(20) **Est ' é o que** tu comes, | onde fazes tres partes, || e beves do seu sangue, | ond ' é ben que te fartes; || e quen cree ben esto, | o demo nen sas artes || nunca lle terrán dano, | se en elo atura.|| (TMILG 20)

³² Estrutura aqui é utilizado para referir-se a presença de um encadeamento de termos, e não necessariamente uma construção.

- (21) Fol é a desmesura ... || *Est ' é o que* tu alças | e baixas e descobres, || que quiso seer pobre | por requenta -los pobres || no seu reino do Ceo | e faze -los y nobres || mui mais que nulla outra | que seja creatura.|| (TMILG 21)
- (22) *Efto é o que* eu, Gonfaluio Eanef, deuo: primeyra mente a vn omme de Chauias, que nõ ffey quen é, duzētos mor. dū roçĩ [que] uendj τ mǎdo que llus entreguē. (TMILG 22)
- (23) *Istes son os que* presentes isteveron u Pay Oanis pagou as vendas d -estas erdades a o celareiro don Pedro Paiz d -Oseira: (TMILG 27)
- (24) *Estes son os que* fugirõ agora da batalla". (TMILG 28)

Os exemplos (23) e (24) possuem concordância de número entre o sujeito e o verbo. Alguns pesquisadores consideram esses casos de concordância como não clivadas, tratando o artigo definido como um pronome demonstrativo. Não estou certo ainda de como proceder com esses dados visto que parecem indicar o momento de ambiguidade que é tão característico do início das construcionalizações. Como o valor de foco paralelo é visível em ambos os casos, não excludo esses dois exemplos, ainda.

Uma análise sintática nos dados apresentados nos mostra que (18), (23) e (24) focalizam sujeitos, enquanto os demais focalizam objeto. Essas construções não sofrem restrição pelo gênero textual, sendo atestadas nos três gêneros presentes no *corpus*: lírica, prosa e notarial. Observamos apenas dois tempos verbais na oração pressuposta³³: pretérito ou pretérito contínuo (19), (23) e (24); presente (18), (20), (21) e (22). Todas as ocorrências apresentam foco Paralelo (com valor de contraste), o que parece indicar uma especialização dessa estrutura nesse período.

Uma importante restrição encontrada nos dados de Ps.Cl.In. refere-se ao tipo semântico do verbo da oração que apresenta informação pressuposta. Apenas um dado (23) apresenta verbo existencial, e mesmo assim não sem alguma controvérsia, uma vez que “estar presente” pode ser facilmente substituído por “comparecer”. No entanto, todos os outros casos apresentem verbo material. Esse dado será importante quando compararmos as construções aqui analisadas.

3.2 Ser Que

Vejamos os dados recolhidos:

- (25) Conofzuda coufa feya a todof quantof efta carta virē τ oyrē como eu Johan Eanef de Sefelle, fillo que ffuy de Johan Parif τ de Eluira Moniíz en un cū meuf yrmãof τ yrmáaf Rodrig Eanef τ Martĩ lohanef τ Maria lohanef τ Orraca lohanef τ Eluira lohanef, todof τ todaf prefentef τ outorgãtef por nof τ por todaf noffas uozef, a uof frey Pedro Merchã do moefteyro de Santa Maria de Mõfero τ a dõ Pedro Pelaez, abbade do deuã dicto moefteyro, τ ao conuēto deffe miífmo lugar vendemof τ firmemēte outorgamof quanta herdade auemof τ á áuer deuemof en todáá uila de Fondõe, feeygregia de Santiago de Franza τ de San Yohanne de Pineyro que iaz en terra de Besoucof por çento τ çĩcoēta foldof moeda d alfonfiif de que nof fomof bē pagadof, a qual herdade nof auemof de parte de noffa madre ia dicta τ eu Johan Eanes ia dicto per efa mya τ de meuf yrmãof τ per outra que ey conprada eu τ meu yrmão Roy lohanef ia dicto de nofof tiof Paay Moniíz d Anca τ de fouf yrmãof Martĩ Moniiz τ Johan Moniíz vendemof a uof ia dictof τ ao moefteyro ia dicto ũna mea oyttaua de todáá uila ia dicta de Fondõe τ outorgamof per nof τ per todaf nofãf bõaf tã bē pelaf que gãármof daqi adeãte que fenpre uof fazamof de paz efa ia dicta mea octaua da vila ia dicta τ efa ia dicta herdade uendemof a uof cū todof feuf iuref τ pertéénzaf τ cū entradaf τ cū ixidof τ cū palcaf τ cū lenaf τ cū madeyraf τ cū palcaf τ cū pedraf mouilif τ nõ mouilif τ *cū quanto preftamēto d 'ome é que* a ayadef τ peffuyadef en iur d ' erdade τ dela toda uoffa uóóntade fazadef por fenpre ia mayf; afi que fe algē de noffa parte ou da efraya uēer a britar ou a contradizer efa nofa uēzõ que per nofo prazer é feyta, feya maldito de Deus uerdadeyro τ áá uoz do Rey τ áá uofa per meo peyte trezētof foldof τ efa carta remãna fenpre firme. (TMILG 01)

³³ Predicado da oração na qual está presente a proposição pressuposta. Chamarei de “oração pressuposta” para agilizar a leitura.

- (26) Rodrigo Eanes. et Martĩ lohanes. et Maria lohanes. et Orraca lohanes et Eluira lohanes ' todos et todas presentes et outorgantes por nos et por todas nossas uozes. auos frey Pedro Merchã do Moesteyro de Sancta Maria de Monfero et a dõ Pedro Pelaez Abbade do deuan dito Moesteyro et aó conuento desse míismo lugar ' vendemos et firmemente outorgamos quanta herdade auemos et áauer deuemos en todáá uila de Fondõe ' feeygregia de Santiago de Franza et de San Yohanne de Pineyro. que iaz en terra de Besoucos ' por çento et cincoenta soldos moeda dalfonsiís de que nos somos bẽ pagados aqual herdad nos auemos de parte de nossa madre ia dicta et eu Johan Eãnes ia dicto por esta mya et de meus yrmãos et por outra que ey comprada eu et meu yrmão Roy lohanes ia dicto de nosos tios Paay Moniíz dAnca et de sous yrmãos Martĩ Moniiz et Johan Moniíz. vendemos auos ia dictos et ao Moesteyro ia dicto ãna mea oytava de todáá uila ia dicta de Fondõe et outorgamos por nos et por todas nossas bõas tan bẽ pelas que gãármos daqui adeante que sempre uos fazamos de paz esta ia dicta mea octaua da uila ia dicta et esta ia dicta herdade uendemos auos cū todos seus iures et pertéénzas et cū entradas et cū ixidos et cū pascas et cum lenas et cum madeyras et cum pascas et cum pedras mouilis et non mouilis *et cum quanto prestamento dome é que* a ayades et pessuyades en iur derdade et dela toda uossa uóóntade fazades por sempre ia mays. Rodrigo Eanes. et Martĩ lohanes. et Maria lohanes. et Orraca lohanes et Eluira lohanes ' todos et todas presentes et outorgantes por nos et por todas nossas uozes. auos frey Pedro Merchã do Moesteyro de Sancta Maria de Monfero et a dõ Pedro Pelaez Abbade do deuan dito Moesteyro et aó conuento desse míismo lugar ' vendemos et firmemente outorgamos quanta herdade auemos et áauer deuemos en todáá uila de Fondõe ' feeygregia de Santiago de Franza et de San Yohanne de Pineyro. que iaz en terra de Besoucos ' por çento et cincoenta soldos moeda dalfonsiís de que nos somos bẽ pagados aqual herdad nos auemos de parte de nossa madre ia dicta et eu Johan Eãnes ia dicto por esta mya et de meus yrmãos et por outra que ey comprada eu et meu yrmão Roy lohanes ia dicto de nosos tios Paay Moniíz dAnca et de sous yrmãos Martĩ Moniiz et Johan Moniíz. vendemos auos ia dictos et ao Moesteyro ia dicto ãna mea oytava de todáá uila ia dicta de Fondõe et outorgamos por nos et por todas nossas bõas tan bẽ pelas que gãármos daqui adeante que sempre uos fazamos de paz esta ia dicta mea octaua da uila ia dicta et esta ia dicta herdade uendemos auos cū todos seus iures et pertéénzas et cū entradas et cū ixidos et cū pascas et cum lenas et cum madeyras et cum pascas et cum pedras mouilis et non mouilis *et cum quanto prestamento dome é que* a ayades et pessuyades en iur derdade et dela toda uossa uóóntade fazades por sempre ia mays. (TMILG 02)
- (27) [et quot] XX dias andados de Feuereyro sabã quantos virẽ este escrito que este preito e prazo firme en C. morauedis coutado entre dõ Johã Perez Abbade de Monffero eo Conuento desse Moesteyro dauna parte ' et Pay lohanes de Sobrado et sua moler Orraca Rodriguez et seus fillos dambos dááutra **Assi é que** nos Abbade et Conuento ja ditos. damos auos Pay lohanes ea vossa moler Orraca Rodriguez ea vossos fillos dambos ja ditos ' oméo daquel agro de Sobrado que jaz ááporta de Johã lohanes de Sobrado. commo se departe da leyra de Pedro clerigo et dOueco lohanes . et dááutra leyra que vos comprastes por tal pleito que chantedes bẽ et compridamente este agro todo de bõas maçineyras quanto virdes que ende compre para chantar et demays dardes arrenda sigundo commosse vsar ááutra herdade dy da terra. et de todo dardes arrenda poresta razõ de suso dita atra que for oagro chantado. se vos nos tollermos ááutra herdade que de nos teustes vos et Pedro Martiz ' por renda. et este agro deue asséer chantado atra Ve anos primeyros que véén et leuardes vos ameatade do fruyto que Deus y der ' eo Moesteyro ááutra meatade enpáz. et téérdelo en toda vossa vida. et de vossos fillos. et téérdelo sempre vos et vossos fillos bẽ comprjdo de maçeneyras quesse por ventura ende algũa deffaleçer que logo metades outra por ela na posta. et se non séérdes logo quitos do agro ' et ficar ao Moesteyro. et ááfím de vos et de vossos fillos. ficar todóó chantado ea herdade liure et desempeçada de toda vossa voz ao Moesteyro cuyo é. et por este verbo mjnesmo vos damos aquela riba do Rigueyro que vay contra vossa casa que chaman da Frazella ' que a chantedes de bóós castyneiros poreste verbo que o pumar. (TMILG 03)
- (28) *Con gran razon é que* seja | de Jesu -Crist ' anparada || a omagen da sa Madre, | Virgen santa corõada. (TMILG 07)

- (29) Ca se d ' al ouvesse poder, | aver -vus -ia desamor | assi como vus ei gran ben | a querer, sen grad ' , e por én | me pesa, porque comezar | foi con vosc ' , a vosso pesar. | E pois a vos pesa, de pran, | de que con vosco comecei, | *guisad ' é que* non perderei, | sen morrer, coita nen affan | por vos, senhor, pois me non val | contra vos serviço, nen al | que vus faça, pero que -quer | vus soffrerei, mentr ' eu poder ' | Viver. (TMILG 09)
- (30) Lourenço, vejo -t ' agora queixar | pola verdade que quero dizer: | metes -me já por de mal conhocer, | mais en non quero tigo pelejar | e teus mesteres conhocer -tos -ei, | e dos mesteres verdade direi: | "ess ' **é que** foi con os lobos arar"! | (TMILG 10)
- (31) Estes con que eu venho preguntei | quant ' á que vehemus, per boa fe, | d ' essa terra hu [a] mha senhor é; | mays dizen -mh o que lhis non creerey | dizen que mays d ' oyto dias non á | *e a mi é que* may[s] d ' un an ' y á! | (TMILG 11)
- (32) Senhor fremosa, poys me non queredes | crear a coyta ' n que me ten Amor, | *por meu mal é que* tan ben parecedes | e por meu mal vus filhey por senhor, | e por meu mal tan muyto ben oy | dizer de vos, e por meu mal vus vi: | poys meu mal é quanto ben vos avedes. | (TMILG 12)
- (33) Ano de LVII, a XX dias de desenbro, Gomes de Mugares, procurador do conçello, se otorgou por pago do dito Roy Meyllán de dosentos seseenta mrs vellos en pago da dita renta da dita barqa, os quaes **son que** deron a Johán de Vila Rayal, en pago da escriptura sobre la jurdiçón do pleyto que pasou en Allarís. (TMILG 23)

Nesses dados, observamos uma maior dispersão de classe de palavras que podem ser focalizadas pela construção: advérbio, pronome demonstrativo, pronome pessoal e sunstantivo. As funções sintáticas focalizadas também são maiores do que aquelas encontradas nas construções Pseudo-Clivadas Invertidas. Nas Ser Que encontramos: sujeito, objeto indireto e circunstancial. Não encontramos qualquer restrição pelo gênero textual (lírica, prosa e notarial).

Quanto ao tempo do verbo da oração pressuposta, observamos que a maioria está no futuro, apesar de encontrarmos dois exemplos de pretérito (30) e (33), um exemplo de futuro (29) e um exemplo de imperativo (28).

Os tipos de focos encontrado nos exemplos acima foram: completivo (28) e (29); paralelo (30), (31) e (32); resumitivo (25), (26), (27) e (33). Se compararmos esse fator entre as duas construções aqui apresentadas, veremos que as Ser Que, aparentemente, ampliaram os tipos de foco possíveis. Não pretendo apresentar nenhuma conclusão neste artigo, mas isso pode indicar duas coisas: as Ser Que são especializadas no tipo de foco paralelo enquanto as Ps.Cl.In. não apresentam essa especialização; mas também pode indicar que a construção Ser Que foi a precursora das construções de foco no Galego, uma vez que a ampliação de categorias e tipos é uma das características normalmente encontradas nos processos de MC e, posteriormente, Ctzç.

O tipo semântico do verbo da oração pressuposta também apresenta uma expansão em relação àqueles encontrados nas Ps.Cl.In. Vemos uma maioria de verbos materiais, um verbo relacional (32) e um exemplo de verbo existencial (31).

Essas expansões que observamos nas Ser Que em relação às Ps.Cl.In. (aumento de *type frequency*) coadunam-se com o defendido por Bybee (2010, p. 89): "Em literature previa, a frequência de tipo foi identificada como um importante determinante da produtividade, entretanto, esse papel não foi atestado em relação à frequência token"³⁴. Traugott e Trousdale (2013, p. 1) também afirma que "*collocational constraints*" é um fator muito importante para a MC, e cita o exemplo da expansão da *way-construction* para incluir outras semânticas verbais. Afirnam ainda:

³⁴ In previous literature, type frequency has been found to be an important determinant of productivity, while no such role has been found for token frequency.

Tal expansão, inevitavelmente, tem um efeito no “espaço construcional”, e a competição entre construções alternativas em um conjunto, por exemplo, construções em competição podem vir a ser preferidas em um “nicho” particular (Torres-Cacoullós e Walker 2009) ou algumas podem diminuir (Leech, Hundt, Mair, e Smith 2009). (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 18, tradução minha)³⁵

3.3 Comparação entre as Construções

A importante restrição das Ps.Cl.In. em relação à classe de palavras do elemento focalizado pode ter uma repercussão na hipótese anteriormente aventada de que essas foram as precursoras das construções clivadas em galego. Se levarmos em consideração essa premissa, teria havido uma expansão da classe de palavras que poderia ser focalizada, uma vez que a construção Ser Que apresenta uma maior maleabilidade no que tange a esse critério. Os *corpora* disponíveis não nos permitem olhar mais para trás no tempo (antes do séc. XIII) para averiguarmos as possíveis MCs que teriam afetado a construção Ps.Cl.In. e, possivelmente, permitido a Ctzç da construção Ser Que.

Função Sintática

Uma dentre as perguntas que nos motivaram no início desta investigação diz respeito aos elementos sintáticos focalizados. Nos interessava saber se algum elemento se destacaria positiva ou negativamente. Os resultados indicam que quatro elementos (sujeito, objeto, complemento nominal e circunstancial) já eram focalizados pelas estruturas aqui analisadas, mas não há nenhuma ocorrência de orações subordinadas verbais reduzidas de infinitivo, gerúndio ou participio focalizadas, tal como apresento em (34).

(34) Cantar **é o que** eu quero.

Os resultados da frequência de **todas as construções de foco aqui analisadas** (Pseudo-Clivadas Invertidas e Ser Que) são tal como no Gráfico 1, abaixo:

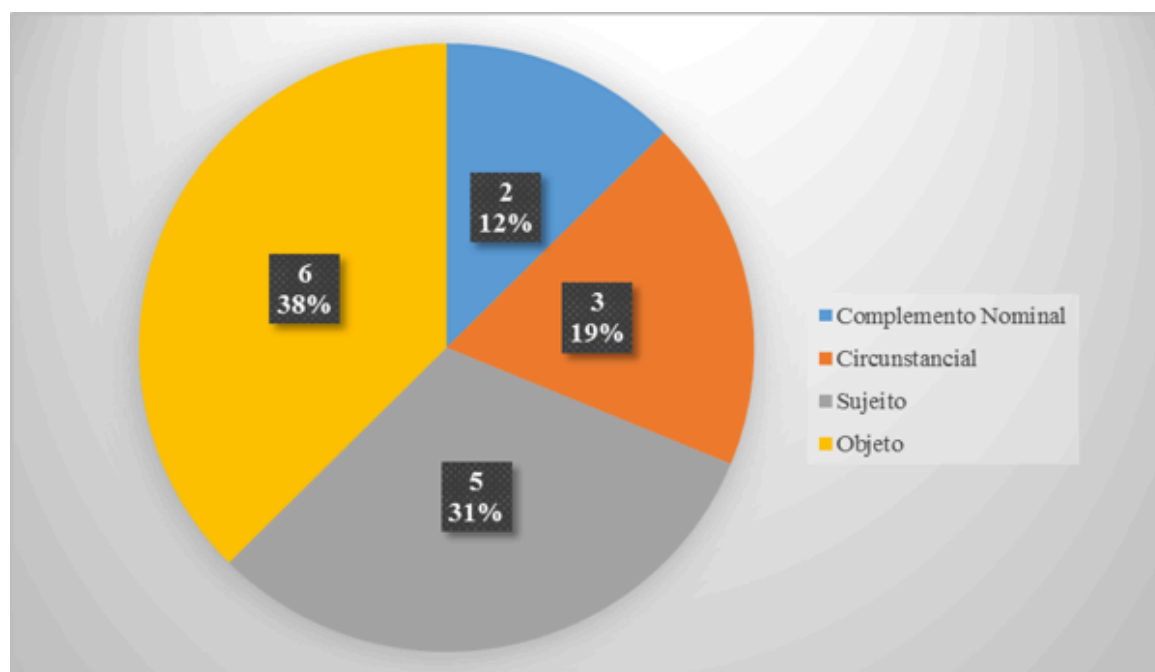


Gráfico 1 - Distribuição da Frequência de Elemento Sintático Focalizado

³⁵ Such expansion inevitably has an effect on ‘constructional space’ and the competition between alternative constructions within a set, for example, competing constructions may come to be preferred in particular ‘niches’ (TORRES-CACOUULLOS; WALKER, 2009) or some may decline (LEECH; HUNDT; MAIR; SMITH, 2009). (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 18)

No concernente aos tipos sintáticos focalizados, os resultados sugerem que as estruturas estão em distribuição complementar, como vemos na tabela 16, abaixo:

	Sujeito		Objeto Direto		Objeto Indireto		Circunstancial	
Pseudo-Clivada Invertida	3	33%	4	67%	0		0	
Ser Que	2	22%	0		4	45%	3	33%

Tabela 1 - Função Sintática do Elemento Focalizado

A tabela acima indica também uma expansão da função sintática do elemento focalizado, e, juntamente com a análise da classe de palavras, corrobora a hipótese de que a Pseudo-Clivada Invertida tenha antecedido a construção Ser Que, uma vez que é de se esperar uma ampliação das classes de palavras e funções sintáticas que determinado *slot* de uma construção permite.

Status Informacional

A análise dos resultados do *status* informacional (cf. CHAFE, 1994) do referente do elemento focalizado não foram apresentadas neste artigo porque parecem não acrescentar nada de muito relevante à análise dessas construções, contudo, ao cruzarmos os dados de função sintática e *status* informacional, obtemos os seguintes números:

		Ser Que	%	Pseudo-Clivada Invertida	%	Total	%
Dado	Sujeito	2	67	2	50	4	57
	Objeto	1	25	2	67	3	43
	Total	3		4		7	
Acessível	Sujeito	0	0	0	0	0	0
	Objeto	3	100	1	10	4	10
	Total	1		1		4	
Novo	Sujeito	0	-	1	50	1	50
	Objeto	0	-	1	50	1	50
	Total	0		2		2	
Total	Sujeito	2	33	3	43	5	38
	Objeto	4	67	4	57	8	62
	Total	6		7		13	

Tabela 2 - Crosstab entre Status Informacional e Função Sintática

Referente Dado						
	Ser Que		Pseudo-Clivada Invertida			
Sujeito	2	67	2	50	4	57
Objeto	1	25	2	67	3	43
Total	3		4		7	

Tabela 3 - Referente Dado

A existência de foco de elemento contendo informação **dada** já no século XIII é muito significativa uma vez que a maioria dos autores advoga que as construções de foco em geral e as clivadas em particular focalizam elementos contendo informação **nova**.

Halliday (1967) diz:

O foco de informação é um tipo de ênfase, através do que o falante sinaliza a parte (que pode ser o todo) da mensagem como aquela que ele deseja que seja interpretada como informativa. O que é focal é **informação 'nova'**; não no sentido de que não pode ter sido previamente mencionada, embora, frequentemente, não tenha sido, mas no sentido de que o falante a apresenta como se não fosse recuperável do discurso precedente. (HALLIDAY, 1967, p. 204, tradução e grifo meus)³⁶

Nesta perspectiva, a informação pode ser nova (apresentada como se não fosse recuperável do discurso precedente) ainda que já tenha sido mencionada anteriormente.

Referente Acessível						
	Ser Que		Pseudo-Clivada Invertida			
Sujeito	0	0	0	0	0	0
Objeto	3	100	1	100	4	100
Total	1		1		4	

Tabela 4 - Referente Acessível

A tabela 4 mostra que ambas as construções focalizam apenas o objeto quando a informação é **acessível**. É óbvio que não podemos fazer muitas afirmações ou ainda predições com base nesses resultados, uma vez que a quantidade de construções obtidas não é realmente significativa, contudo, há uma lógica nos resultados que apontam para o que vem sendo defendido em trabalhos de foco ao redor do mundo. Mas, antes de discutir essa lógica, faz-se necessário analisarmos os dados indicados na tabela 5, abaixo.

Referente Novo						
	Ser Que		Pseudo-Clivada Invertida			
Sujeito	0	-	1	50	1	50
Objeto	0	-	1	50	1	50
Total	0		2		2	

Tabela 5 - Referente Novo

Os referentes novos são focalizados apenas por construções do tipo Pseudo-Clivada Invertida. É interessante notar que a ideia de que as construções de foco preferem focalizar elementos com referentes **novos** poderia ser mais uma pista que nos leve a um entendimento do desenvolvimento histórico das construções de foco e construções clivadas em galego e em português. Acreditamos que as construções do tipo Pseudo-Clivada Invertida foram as primeiras construções de foco do romance galego, sendo posteriormente seguidas pelas construções do tipo Ser Que. Notemos que as construções do tipo Pseudo-Clivada Invertida são as únicas que focalizam elementos com referentes **novos**. Mas quando os elementos apresentam informação **acessível**, ambas as construções são utilizadas, indistintamente. Isso poderia sugerir que as construções do tipo Ser Que surgiram no momento em que elementos com informação **acessível** passam a ser focalizados. E quando finalmente elementos com informação **dada**, tidos como os últimos a serem eleitos para receberem foco, passam a ser focalizados, as duas construções passam a fazer essa tarefa. Neste ponto da pesquisa, essas ainda são conjecturas que podem ou não receber respaldo da análise dos dados dos séculos posteriores, visto que os dados acima são sincrônicos. Talvez

³⁶ Information focus is one kind of emphasis, that whereby the speaker marks out a part (which may be the whole) of a message block as that which he wishes to be interpreted as informative. What is focal is 'new' information; not in the sense that it cannot have been previously mentioned, although it is often the case that it has not been, but in the sense that the speaker presents it as not being recoverable from the preceding discourse. (HALLIDAY, 1967, p. 204)

estejamos olhando para o exato momento em que esses parâmetros mudam, mas podemos nunca ter certeza por conta da irremediável falta de fontes relativas ao galego. Pesquisas sobre o português do século XIII podem lançar luz sobre esse tema.

3.4 Foco Interrogativo

Apresento agora um último tipo de construção que me chamou atenção quando estive coletando dados. Trata-se de construções de foco interrogativo. Analiso essas construções separadamente porque focalizam um pronome interrogativo, e isso as diferencia das construções clivadas.

O motivo para tratar desse Foco Interrogativo é muito simples. O galego contemporâneo utiliza frequentemente esse tipo de construção que exemplificarei abaixo em (36):

(35) Que temerei?

(36) Que é o que temerei?

Em (35), exemplifica-se uma construção interrogativa simples. Nesse caso, há um foco *default* no pronome interrogativo “que”. Porém, o galego lança mão de uma construção focalizadora que não acomoda ambiguidade interpretativa de nenhum tipo. Defendo que o uso dessas construções foi favorecido pelo desbotamento do valor focal *default*. Uma vez que todo pronome interrogativo é focal em alguma medida, isso significa que nenhum deles é primordialmente focal. Por esse motivo, o uso de uma construção de foco que não permite outra interpretação se não a focal é favorecido. A falta de ambiguidade indica que a construção já estava bem estabelecida nessa época, ainda que me falte uma definição precisa da representação construcional mais abstrata que dê conta das micro-construções encontradas.

Todos os 5 dados datam do século XIII.

(37) *Qual é que* per seu siso || nos fez aver paraíso?|| (TMILG 13)

(38) *Qual é a que* sen mazela || pariu e ficou donzela?|| (TMILG 14)

(39) *Qual é a que* sempre bõa || foi e dos santos corõa?|| (TMILG 15)

(40) Mais como ou *quen é o que* poderá | cobrá -las mínguas que lh ' achan que á?| (TMILG 16)

(41) E mais ¿ por quê lh ' o negarei? | ou *que é o que* temerei? | ca ja me non pode mayor | mal fazer -nen se me matar ' - | d ' aqeste que me faz aver.| (TMILG 18).

A frequência tolken pode parecer muito baixa, em um primeiro momento, mas devemos analisar a situação de forma muito específica. As orações interrogativas são mais marcadas do que as afirmativas, dentre outras coisas, por apresentarem uma frequência tolken significativamente mais baixa. Dentre as interrogativas, as que apresentam construção focal são mais marcadas, seguindo a mesma lógica. Nesse sentido, cinco dados são muito significativos diante de um total de dezesseis dados de construções de foco afirmativo.

Nas orações interrogativas, vemos apenas dois tipos de semântica verbal: Material e Mental. No caso das orações afirmativas, aparecem também: Existencial, Relacional e Comportamental, e não aparece Mental. Vemos também que o tempo verbal do predicado da oração na qual está presente a proposição pressuposta é predominantemente o passado, diferente do que encontramos nas orações afirmativas.

Esse foco interrogativo nos apresenta uma alternativa ao que vínhamos, meus orientadores e eu, pensando até o momento. Teriam as Ps.Cl.In. surgido primeiro em construções interrogativas e apenas depois expandido-se para contextos afirmativos? Os exemplos (38) e (39) apresentam concordância de gênero, o que me faz não considera-las clivadas de nenhuma espécie. Os (40) e (41) apresentam estrutura semelhante àquela das Ps.Cl.In, e o exemplo (37) é formalmente semelhante à construção Ser Que.

Apesar de não chegar ainda a uma conclusão, é certo que as construções de foco interrogativo possuem um papel importante e quiçás central no entendimento das construções de foco do galego. Me resta saber qual é.

Concluindo que não há conclusão

Este artigo tem por objetivo apresentar a proposta da minha pesquisa doutoral e fazer propaganda dessa que considero uma área tão carente de mão de obra. Espero ter apresentado suficientes perguntas que, de alguma forma, incitem outros a juntarem forças nesta empreitada.

Minha pesquisa encontra-se em um momento de transição. Falta por fazer a análise dos dados obtidos dos séculos XIX ao XX (até o ano de 1980). Esses dados lançarão luz sobre as hipóteses aqui levantadas e suscitarão outras tantas perguntas. Por hora, posso dizer que as previsões iniciais de que as ditas construções de foco estavam presentes no galego³⁷ do século XIII confirmaram-se. Veremos o que o futuro nos reserva.

Para fins de esclarecimento: utilizo o **Tesouro Informatizado da Língua Galega (TILG)**, que contém mais de 26 milhões de palavras correspondentes a textos galegos escritos, produzidos desde 1600 à atualidade, para referências modernas e contemporâneas. As atestações correspondentes aos sécs. XVII e XVIII são muito escassas, até a chegada do *Rexurdimento* no XIX. A partir do século XX, há uma explosão na quantidade de material escrito disponível, mas optei por traçar um limite para a pesquisa doutoral no ano de 1980, já que esse foi um período de retomada política, como já explicado no item 1.

Enfim, trabalho é que não falta.

Referências bibliográficas

- BAGNO, Marcos. *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. Parábola Editorial: São Paulo, 2012.
- BOULLÓN AGRELO, Ana Isabel; TATO PLAZA, Fernando R.: A cátedra de Língua e Literatura Galega da Universidade de Santiago de Compostela: datos para a historia dunha reivindicación. *Homenaxe ó profesor Constantino García*. Coordenado por Mercedes Brea e Francisco Fernández Rei. Departamento de Filoloxía Galega. Servizo de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela, 1991: 2 vols.. Páxs. 33-53. <<http://hdl.handle.net/10347/12478>>.
- BYBEE, J. Teoria baseada no uso e gramaticalização. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bern. (eds.) *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford, Oxford University Press, 2011.
- CARDEIRA, Esperança. *História do Português*. Caminho: Lisboa, 2006.
- SANTAMARINA, Antón (coord.): *Tesouro informatizado da língua galega*. Santiago de Compostela: Instituto da Língua Galega. <<http://ilg.usc.es/TILG/>> [Consultado: 22/09/2015 – 01/06/2016]
- CUNHA VIERA, André F. *Construção SNpleno-tópico; + (Material Interveniente) + SNpro; + Verbo + (Complemento) no português do Brasil: uma análise funcional baseada no uso*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.
- CUNHA VIEIRA, A. F. et. al. Complexidade Cognitiva em Construções de Foco do PB – um experimento de priming. In: BRAGA, M. L.; MAIA, M. (ed.) *Representação, função e processamento do Foco*, *ReVEL* v. 13, edição especial n.10, p. 265-281, 2016.
- CHAFE, Wallace L. *Discourse, Consciousness and Time*. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1994.
- CROFT, William. *Typology and universals*. Cambridge, Cambridge University Press, 1993.
- CROFT, William. Autonomy and Functionalist Linguistics. *Language*. Volume 71, nº 3, 1995.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- GIVÓN, T. Verbal complements and clause union. In: GIVÓN, T. *Syntax: An Introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2001. Volume II.

³⁷ Acrescento um comentário que me foi suscitado pelo parecerista anônimo que perguntou: quais as provas de que esses dados aqui apresentados sejam de fato do galego e não do “português arcaico”? A pergunta se sustenta dada a similitude dos dados aqui analisados em relação àqueles apresentados por importantes pesquisadores brasileiros. Minha resposta é bem simples: não existiu um português arcaico ou medieval, como deixo claro no item 1. A falácia do Galego-Português. Não existiu um “português arcaico” desligado do galego. O que a maioria dos trabalhos que foram feitos até o momento chamam de “português arcaico” é material produzido em galego e que foi indevidamente incorporado a uma ancestralidade portuguesa que nunca houve. Isso significa que, mesmo que determinado texto tenha sido escrito no território que hoje chamamos Portugal (especificamente no Norte), não faz sentido criar um limite linguístico quando nem mesmo o geográfico existia. É bom ter em mente que os reinos nessa época (dos cancioneros trovadorescos medievais) nada mais eram do que feudos pelos quais a população transitava quase que livremente.

- GOLDBERG, A. E. Constructions: A new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences* 7: 219–224, 2003.
- GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, S. La familia de las ecuacionales. In: *Oraciones hendidas em El mundo hispânico: problemas estructurales y variacionales*, Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana (RILI) n.26, V. XIII, Iberoamericana Editorial Vervuert: Madrid/Frankfurt, 2015, pp 15-37.
- HALLIDAY, Michael A. K.. Notes on transitivity and theme in English, Part 2. *Journal of Linguistics* 3, 1967, p. 199-244.
- KATO, M. A.; RIBEIRO, I. A evolução das estruturas clivadas no português brasileiro. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide; ALMEIDA, Norma. (Org.). *Para a História do Português Brasileiro*, v. 6: A experiência dos grupos de estudo. Salvador: EDUFBA, 2007, v. Tomo I, p. 165-182.
- KEMMER, Suzanne; BARLOW, Michael. Introduction: A Usage-Based Conception of Language. In: KEMMER, Suzanne; BARLOW, Michael (eds.) *Usage Based Models of Language*. Stanford, CSLI Publications, 1999.
- LABOV, William. *Padrões sociolingüísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONÍZIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Raquel (org.). *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucena, 2002.
- MARIÑO, Ramón. *Historia da lingua galega*. Sotelo Blanco: Santiago de Compostela, 1998.
- MÉNDEZ VALLEJO, D. C. Ser focalizador: variación dialectal y aceptabilidad de uso. In: *Oraciones hendidas em El mundo hispânico: problemas estructurales y variacionales*, Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana (RILI) n.26, V. XIII, Iberoamericana Editorial Vervuert: Madrid/Frankfurt, 2015, pp 61-79.
- MONTEAGUDO, Henrique. *Historia social da lingua galega*. Galaxia: Vigo, 1999.
- NEVES, M. H. M. Uma visão geral da gramática funcional. *Alfa - Revista de Lingüística*, São Paulo. Volume: 38, 1994.
- NOËL, D. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. *Functions of Language* 14 (V.II): 177–202, 2007.
- PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia (Orgs.). *Mudança Lingüística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.
- PONTES, Eunice. Da importância do tópico em português. In: *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.
- SANKOFF, G. Variability and explanation in language and culture: Cliticization in New Guinea Tok Pisin. In: SANKOFF, G. *The social life of language*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1980.
- SOTO, María Rosario A.; GONZÁLEZ, Luís G. Do verbo antigo em Johan García de Guilhade. *Cadernos de Fraseoloxía Galega*, V. 9, 2007, 223-232 (<http://www.cirp.es/pub/docs/cfg/cfg09_12.pdf>, visitado em 01/07/2016).
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G.: *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Corpus

- TMILG = VARELA BARREIRO, Xavier (dir.) *Tesouro Medieval Informatizado da Lingua Galega*. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega, 2004- <<http://ilg.usc.es/tmilg>>. [22/09/2015 – 01/06/2016]:
- DM14 = LEIRÓS FERNÁNDEZ, Eladio (ed.). Un documento de Monforte en el siglo XIV, *Boletín de la Comisión de Monumentos de Lugo*, 1, 10-1, 1994, p. 283-92.
- HGPg = MAIA, Clarinda de Azevedo (ed.). *História do galego-português. Estado lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal do século XIII ao século XVI* (Com referência à situação do galego moderno). Coimbra: I.N.I.C., 1986, p. 41-245.
- TC = LORENZO, Ramón (ed.) *La traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla*. Edición crítica anotada, con introducción, índice onomástico y glosario de Ramón Lorenzo. Tomo I: Introducción, texto anotado e índice onomástico; Tomo II: Glosario. Ourense: Instituto de Estudios Orensanos “Padre Feijóo”, 1975 / 1977.
- VFD = FERRO COUSELO, Xesús (ed.). *A vida e a fala dos devanceiros*. Escolma de documentos en galego dos séculos XIII ao XVI. 2 vols. Vigo: Galaxia, 1967.